

Disco: *Underworld* e *Prodigy* mostram ótima fase da música eletrônica • 2

SEGUNDO CADERNO

Jabor: 'Orfeu' denuncia o vazio ilusório do cinema atual • 8

TERÇA-FEIRA, 18 DE MAIO DE 1999

Camilla Maia



Choro, jazz e blues juntos

Paulo Moura sintetiza seu estilo e discute a bossa

Mario Adnet

Especial para O GLOBO

Não é de hoje o empenho do maestro, saxofonista e clarinetista Paulo Moura em aprofundar as relações entre o choro, o jazz e o blues. Hoje e amanhã, no Teatro do Leblon, na série Grandes Encontros, ele homenageia o mestre K-Ximbinho, um dos pioneiros dessa mistura, no show K-Ximblues, ao lado de Maurício Einhorn (gaita), Tony Botelho (contrabaixo) e Nelson Faria (violão). Nesta entrevista, Moura refaz a trajetória musical, lembra dos encontros com Dizzy Gillespie e Radamés Gnattali, e fala de suas diferenças com a bossa nova.

• **BOSSA NOVA:** "No final dos anos 50, eu morava na rua Barão de Mesquita, na Tijuca, e tinha um conjunto que se reunia todo sábado na minha casa. Aquele ensaio era sagrado. Meu vizinho de bairro João Donato era o pianista, o Bebeto (do Tamba Trio) tocava o outro sax e ainda tinha baixo, bateria, trompete e trombone. Ainda não havia o hábito de se tocar música brasileira nesses ensaios. Só entrava jazz e os temas do Donato que eram em ritmo de samba. Às vezes apareciam lá para tocar Johnny Alf, Maurício Einhorn e Durval Ferreira. O que deu um novo alento e entusiasmo para se fazer música além do lançamento do bebop, foi o cool jazz, com uma limpeza da execução e a sonoridade bem dosada. Não tinha muitos rompantes nos agudos, era muito mais sóbrio, o tipo de coisa bem apropriada aos brasileiros. Essa maneira intimista de se tocar é que levou a uma nova maneira de se cantar, quase sussurrada. Mas se não fosse a batida do violão do João Gilberto nada teria acontecido. Ainda sobre a bossa nova, foi a primeira vez, no Rio de Janeiro, que vi o surgimento de grupos só de músicos brancos. Isso antes não acontecia. Inclusive vários diretores de orquestra eram negros como o Cipó e o maestro Carioca. Fiquei um pouco assustado com isso. Quando quis tocar no Sinatra-Farney Fã Club, já era mais do que profissional, e disseram que a 'minha técnica de clarinete não era suficiente'. O Robertinho Silva foi rejeitado num desses grupos porque 'não tinha presença'. Na apresentação do Carnegie Hall o único grupo que misturava brancos e negros era o do Sérgio Mendes. Mas a bossa nova foi um grande acontecimento da música mundial, aproximou os cantores dos músicos, apesar de alguns daqueles grandes nomes terem o hábito de se fechar em grupinhos."

• **INÍCIO:** "Minha família toda era de músicos. Eu, o filho mais novo e temporário, continuei em São José do Rio Preto, enquanto meus irmãos, já profissionais, tocavam nas melhores orquestras do Rio, como a do Carlos Machado, a Fonfon e a do Maestro Zacarias. Meu pai foi mestre de banda e também carpinteiro. Além de ensinar música aos filhos se preocupava com a prática profissional e tratava de botar todo mundo para tocar nas bandas locais. Na época, sabendo que uma guerra estava por vir, meu pai imaginava que os filhos pudessem evitar a infantaria entrando para bandas de música. Isso só funcionou comigo, não que eu fosse para guerra mas quando me alistei no Exército fui direto para banda sem precisar passar por aquele treinamento todo."

• **PRIMEIRA CONQUISTA:** "Quando comecei a tocar com meu pai, aos 12 anos, já não foi em banda mas num conjunto de dança. Tocávamos no clube de negros de São José e às vezes saíamos para tocar em outros lugares. Numa dessas vezes, nos apresentamos no clube comercial da cidade. Éramos oito músicos, mas ao terminar o baile o diretor queria pagar o cachê de sete, achando que eu estava ali fazendo figuração. Ficamos esperando lá fora, enquanto meu pai discutia. Depois de um tempo ele apareceu com alguns diretores do clube me pedindo que pegasse o clarinete e tocasse um choro. Enquanto eu tocava eles ficavam se olhando e fazendo comentários uns com os outros. No final se levantaram, foram lá para dentro e meu pai voltou sorridente com o cachê completo. Essa foi a minha primeira conquista na carreira de músico."

Continua na página 3

PAULO MOURA é a atração de hoje e amanhã na série Grandes Encontros: desde os anos 50 o saxofonista e clarinetista tem trilhado pelo choro e o jazz

PARQUE GRÁFICO

SEDE